

RESENHA: HISTÓRIA DA TEOLOGIA
Bengt Häglung

Capítulo 1 – A ERA DOS PAIS ECLESIASTICOS

→Os pais apostólicos: são alguns autores cristãos do fim do séc.I e início do II séc. cujos escritos chegaram até nós. Estes escritos contribuíram de forma notável para elucidar o conceito de fé e os costumes de igreja que prevaleceram nas primeiras congregações. Alguns importantes escritos: 1Clemente; Epístolas de Inácio(7 cartas); Epístola de Policarpo; Epístola de Barnabé; 2Clemente; Pastor de Hermas; Fragmentos de Papias; Didaché.

→Características gerais: A fé dos pais apostólicos reflete a fé da congregação típica dos primeiros anos da igreja cristã. Tanto os escritos do N.T. como os dos Pais Apostólicos tratam da mesma fé. Os Pais Apostólicos enfatizavam o moralismo (legalismo) pois se dirigiam a novas congregações cujos membros recém haviam abandonado o paganismo. O evangelho era apresentado como nova lei que Cristo ensinara mostrando o caminho da salvação. A vida cristã consistia na obediência a esta nova lei. A justiça era apresentada nos Pais Apostólicos em termos de conduta cristã apropriada, considerada como algo dado após esta vida, especialmente como recompensa aos que obedeceram a Cristo. Somente Clemente tem a ver com a ênfase paulina da justificação pela fé. A salvação era apresentada na maioria das vezes em termos de imortalidade e indestrutibilidade em vez de em termos de perdão dos pecados. Era tida como iluminação decorrente da verdade, tal como se encontra em Cristo. O pecado é descrito como corrupção, maus desejos e cativo sob o poder da morte, além de erro e ignorância; a culpa não é acentuada. Resumindo, o caminho da obediência é o caminho da vida. Para os pais a graça é um dom que Deus dá aos homens através de Cristo. Este dom é tido como um poder interno associado com o Espírito Santo, pelo qual o homem pode buscar a justiça e andar no caminho da nova obediência. A graça confere o poder pelo qual o homem alcança a justiça e é salvo.

→Conceito de Escritura: Quanto à Escritura, os pais citavam bastante o Antigo Testamento. Para eles, o verdadeiro propósito da lei e dos profetas era de natureza espiritual, fato revelado através das palavras e obras de Cristo. Diziam também que a Escritura era verbalmente inspirada pelo Espírito Santo, sendo que a tradição oral era considerada por eles como tendo autoridade decisiva para a fé e praxe congregacionais.

→A doutrina de Deus; Cristologia: Deus é o Todo-poderoso que criou o mundo e revelou sua vontade, sua justiça e sua graça aos homens. A doutrina de Deus não aparece plenamente desenvolvida, mas a fórmula trinitária já era empregada. A divindade de Cristo era enfatizada pelos Pais, principalmente contra o docetismo.

→Conceito de igreja: As congregações eram admoestadas a aterem-se firmemente a seus bispos obedecendo-lhes. A unidade da igreja consistia num corpo de doutrina comum, sendo que o bispo tinha uma posição dominante na congregação com base no fato de que era o representante da doutrina verdadeira. Isto era enfatizado como proteção contra heresias. Originalmente os anciãos e bispos ocupavam mesmo nível. Porém os bispos ocuparam posição superior tempos depois.

Desenvolveu-se a idéia de que os bispos eram os sucessores dos apóstolos (idéia que se desenvolveu a partir de um protótipo judaico). Dois aspectos davam base a isto: a sucessão doutrinária, e a sucessão de ordenação. Assim desenvolveu-se na igreja cristã primitiva uma espécie de ordem congregacional mais definida, com jurisdição eclesiástica.

→Escatologia: A escatologia dos pais incluía a idéia que o fim dos tempos era iminente, e alguns deles sustentavam a idéia de um milênio terreno.

Capítulo 2 – OS APOLOGISTAS

→Conceito: São autores do segundo século que procuraram acima de tudo defender o cristianismo de acusações da época. Para eles o cristianismo era a única verdade filosófica. Alguns deles: Justino Mártir, Aristides, Taciano, Atenágoras, Teófilo de Antioquia.

→Considerações gerais: Os apologistas tentaram esclarecer ensinamentos teológicos com o auxílio de terminologia filosófica. Foram os primeiros a tentar definir logicamente o conteúdo da fé cristã, bem como as conexões (teologia-ciência; cristianismo-filosofia grega). Refutaram acusações contra os cristãos, atacando por vezes de maneira bem severa a cultura grega.

→Cristianismo e filosofia: O cristianismo tem as respostas corretas para as questões filosóficas. Só o cristianismo fundamenta-se na revelação, e sua verdade não se baseia na razão, tem origem divina. Esta abordagem da verdade cristã incluía a tendência de intelectualizar seu conteúdo.

→Cristologia do Logos: Foi usada para explicar como Cristo se relaciona com Deus-Pai. O Filho procedeu do Pai como primogênito, sem diminuir o Pai ou destruir a unidade da Divindade. Nesta doutrina filosófica do Logos está o fato que o Logos não procedeu da essência divina como a razão que habita nele, ainda assim não procedeu da Divindade até o tempo da criação do mundo. Cristo teria sido gerado no tempo, ou início do tempo. Os apologistas postulavam a preexistência do Logos em termos claros, embora julgassem que seu aparecimento como “Filho” ocorrera inicialmente na criação. Não é justo deduzir que o subordinacionismo fosse ensinado por eles já que a terminologia usada para a Trindade não tinha sido abordada. O Logos (pedagogicamente) nos transmite o verdadeiro conhecimento de Deus e instrui na nova lei, que guia ao caminho da vida. A salvação é vista em categorias intelectuais e moralistas. O pecado é ignorância. O homem é livre para fazer o bem, mas só Cristo mostra o verdadeiro caminho da justiça e da vida. O “viver segundo a lei” sempre foi enfatizado. A principal contribuição foi a tentativa de correlacionar o cristianismo com a erudição grega.

Capítulo 3 – CRISTIANISMO JUDAICO E GNOSTICISMO

→Cristianismo judaico (*ebionismo*)- Conceito: Certos grupos sectários que derivaram da congregação de Jerusalém depois desta mudar-se para a região a leste do Jordão por volta do ano 66 A.D. Era uma confusão de elementos judaicos e cristãos. Sustentavam a validade da lei de Moisés, esperando o estabelecimento de um reino messiânico em Jerusalém. Consideravam válidos os preceitos judaicos para a vida congregacional, repudiando a interpretação paulina da lei, não aceitando suas epístolas. Negavam a preexistência de Cristo, que era como um novo Moisés, sendo colocado no mesmo nível

dos profetas do A.T. Negavam a encarnação e o nascimento virginal de Cristo, dizendo que Ele recebeu o Espírito Santo no batismo. Para eles a salvação só se tornaria realidade numa segunda vinda de Cristo, iniciando um milênio terreno. Forneceram o molde para a Cristologia adocionista. Este grupo influenciou o islamismo.

→Gnosticismo: é o resultado da mistura da religião helenística com o cristianismo. Dizia existir um dualismo entre mundo espiritual e material. O gnosticismo distinguia entre o Deus supremo e uma divindade inferior (demiurgo-Deus do A.T. judaico) que criou o mundo. A salvação gnóstica consistia no livramento das almas do mundo material, afim de que pudessem ser purificadas e trazidas de volta à esfera divina de onde vieram. Classificavam: *pneumáticos*¹(gnósticos-alcançavam a salvação por terem poder para possuírem o conhecimento gnóstico), *materialistas*(todos os outros homens-incapazes de utilizarem tais conhecimentos), *psíquicos*(cristãos inclusos-intermediários entre os pneumáticos e materialistas, podendo obter o conhecimento necessário para a salvação). Os gnósticos colocavam o conhecimento superior acima da fé, pretendendo elevar o homem à esfera divina. Cristo era uma essência espiritual que emanara de seres superiores. Assim, proclamaram uma cristologia docética. O homem era salvo por meio de mistérios gnósticos (batismo, ceia, ritos sagrados adicionais²). Deus era negado como Criador, a criação era vil e má, repudiavam o 2º e 3º artigos do credo. Destaca-se Marcião que inicialmente aceitava a fé da igreja, mas por sofrer influências gnósticas do sírio Kerdo passou a dizer que o evangelho substituiu a lei no N.T. (a mensagem nova) que segundo ele mostrava que o Deus do N.T. havia combatido e conquistado o Deus do A.T. Cristo proclamou o evangelho do Deus de amor do N.T. Na verdade Cristo (para ele) era mesmo Deus, só que apareceu fantasmagoricamente(docetismo). Porém, acreditava no significado redentor do sofrimento e morte de Cristo, gerando certa contradição denunciada por Irineu. Marcião rejeitou o A.T. e tudo que cheirava a judaísmo no N.T. Negava que Deus criou o mundo, além de negar a encarnação e ressurreição do corpo(só a alma podia ser salva, não o corpo).

Capítulo 4 – OS PAIS ANTIGNÓSTICOS

→Irineu: Publicou vários escritos como: Com suas obras procurava defender a fé apostólica contra as inovações gnósticas. Denominado “pai da dogmática católica”, foi o primeiro a procurar apresentar um sumário uniforme de toda a Escritura. Rejeitou a idéia do cristianismo como a verdadeira filosofia (apologistas). Para ele a Bíblia era a única fonte de fé, e a tradição oral tinha autoridade decisiva. Utilizou-se da regra de fé (apresentada na confissão batismal, nas Escrituras e na pregação) para combater os gnósticos, procurando interpretá-la e descrevê-la fazendo justiça à genuína tradição apostólica. O homem, centro da criação, foi criado para Cristo, centro da existência, para tornar-se como Ele. Assim criação e salvação unem-se, pois o mesmo Deus realiza ambas. Para Irineu, a salvação consistia que tanto a criação como o homem seriam restaurados ao seu estado original, ficando livres da morte e do diabo. O homem foi criado à imagem de Deus para crescer³. O plano da salvação: *naturalia praecepta-lex Mosaica* (Cristo, a nova aliança, a restauração da lei original). Para Irineu Vida e Obediência à lei andam de mãos dadas, e o homem vivendo desta maneira alcança a salvação, aquilo

¹ O gnosticismo ensinava certa predestinação.

² Alguns pregavam o ascetismo, outros o libertinismo.

³ Resultado da atividade criadora contínua de Deus.

que perdeu com o pecado, para tornar-se semelhante a Deus e viver sem morrer. Para ele, Cristo (verdadeiro Deus e homem) recapitulou a primeira criação em si mesmo. Procurou apresentar o conteúdo da Escritura sem o auxílio da filosofia aderindo à regra de fé sem entregar-se a mera especulação.

→Tertuliano: Para ele, o Logos era como *persona*⁴. Ele Envolveu-se em controvérsias eclesiásticas de seu tempo para defender a fé cristã e instruir os fiéis. De várias maneiras foi o fundador da tradição teológica ocidental. Destacava-se na retórica, e sua erudição era ampla, profunda. Contribuiu com formulações populares, e com uma terminologia teológica latina. Nas suas obras defendeu o cristianismo da religião pagã, combateu o gnosticismo e o modalismo. Escreveu muitos livros contendo suas convicções doutrinárias e para dar sua opinião sobre questões práticas congregacionais. Fazia afirmações contra a filosofia, pensando ser esta a fonte da heresia gnóstica. Para ele, o conhecimento da fé é diferente do conhecimento da razão, já que o primeiro possui sabedoria própria, não tendo nada a ver com prova racional. O modo de pensar de Tertuliano pode assim ser expresso: *Credo quia absurdum* (creio porque é absurdo). Para ele a teologia deve corporificar-se, sendo relacionada a alguma realidade manifesta. O *Traducianismo* é a crença de Tertuliano de que a alma se transmite por nascimento natural de uma geração à seguinte. Tertuliano destaca a Trindade dizendo que o Filho emerge do Pai, estando subordinado a Ele. Para expressar a unidade da Trindade, cunhou o termo *Substantia*⁵, e afirmou que a diferença na Trindade é descrita com base na atividade de cada pessoa no plano da Salvação. Rejeitou o patripassianismo. Fortaleceu ainda a vontade livre do homem para que este pudesse viver de acordo com os mandamentos de Deus. Dizia que a salvação era dada como recompensa pelo mérito humano. Para Tertuliano, a graça salva, retirando a corrupção que existe na natureza humana resultante do pecado. Filiou-se ao movimento montanista⁶.

→Hipólito: Defendeu a doutrina cristã diante da filosofia grega e das heresias eclesiásticas. Para ele estas últimas nasceram na filosofia grega. Combateu gnósticos e modalistas. O Logos para ele era uma hipóstase independente.

Capítulo 5 – TEOLOGIA ALEXANDRINA

Esta teologia ofereceu uma cosmovisão sistemática baseada em princípios filosóficos, onde o cristianismo foi inserido e conservado como a mais elevada sabedoria. Os alexandrinos queriam preservar a tradição cristã de maneira fiel, e para isto apoiavam-se firmemente na Escritura.

→O Platonismo de Alexandria: Deus era conceituado como o único, transcendente acima de tudo o mais. O mundo inteligível emanava de Deus num processo eterno. Como resultado de uma queda no mundo espiritual, a alma humana foi unida à matéria. A história do mundo procura que os seres racionais possam ser aperfeiçoados mediante treinamento e purificação para poderem elevar-se à presença da divindade, libertando-se do mundo material.

⁴ Tertuliano cunhou o termo *persona* com o objetivo de expressar a relação na Trindade entre as pessoas.

⁵ *Ousia*- essência, substância.

⁶ Dava ênfase na profecia, e nos dons livres do Espírito, por crença no fim do mundo, rígido ascetismo com rigorosa praxe de penitência.

→Clemente: Sua teologia expressa a “pedagogia de Deus”, aonde o homem precisa ser educado para unir-se ao divino, através de disciplina, instrução. Para isto existe o mundo material. A filosofia e a lei judaica prepararam o caminho do Logos que veio educar o homem. Para ele a filosofia e o cristianismo não são opostos. Esta influência da filosofia o fez concluir que o conhecimento fica num nível superior à fé. Enfatiza energicamente que o conhecimento é o nível superior onde a fé é conduzida à perfeição, pois a fé externa é incapaz de compreender o verdadeiro significado da fé, já que aceita os dogmas simplesmente baseados na autoridade. Já o gnóstico é capaz de assimilar o significado da fé. Clemente desejava na verdade, substituir a falsa gnose do gnosticismo pela verdadeira gnose escriturística do cristianismo.

→Orígenes: Suas obras exegéticas compunham-se de comentários, homilias, e edições de textos. Merece destaque a *Hexapla* na qual coloca seis traduções diferentes do A.T. lado a lado para descobrir a melhor tradução. Inicialmente, influenciado pela filosofia grega teve sua teologia condenada como herege pelo Quinto Concílio Ecumênico(553). Pode ser considerado o fundador da tradição teológica oriental. Foi um teólogo bíblico, porém utilizou o método alegórico. Em alguns textos usou também o sentido histórico através de interpretações tipológicas, escatológicas, cristológicas, e sacramentais. Para ele, como o homem é tricotômico, assim também a Escritura possui três sentidos: o literal (somático), o moralista (psíquico), espiritual (pneumático). Sua teologia expressava ser o homem educado pela providência divina. Deus é o ser espiritual mais elevado, distanciado o máximo possível do material e físico. Na sua teologia encontramos tanto o conceito de *homooúsios*, como o *subordinacionismo*. Orígenes declara que para o homem ser salvo precisava elevar-se ao nível de Deus, unindo-se a Ele. Para isto veio o Logos, que não caiu de seu estado puro, porém sua alma ingressou em seu corpo. O lado humano de Cristo foi progressivamente absorvido pelo divino, de modo que Ele deixou de ser homem. Segundo Orígenes, o processo de purificação do homem continua mesmo após a morte, sendo este conduzido à perfeição, primeiro os bons e por fim também os maus. No fim os homens não terão mais corpos, mas serão espíritos.

Capítulo 6 – MONARQUIANISMO: O PROBLEMA TRINITÁRIO

Apareceu nos escritos de Tertuliano quando falou da unidade de Deus. O monarquianismo (posição racionalista e docética) negava a Trindade, dizendo ser contrária à fé no Deus único.

→Monarquianismo dinamista: Pregava ser Jesus um homem comum que no batismo recebeu Cristo (como um poder) que desde então passou a ser ativo nEle. Seu principal representante é Paulo de Samósata⁷.

→Monarquianismo modalista(modalismo-sabelianismo)⁸: Começou com Noeto e seus discípulos. Sabélio foi seu principal representante. Afirmava que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três diferentes modos em que o mesmo Deus se revelou. Em oposição à monarquia dinamista, ressaltava

⁷ Foi condenado herege em Antioquia (268 A.D.)

⁸ Foi condenado como heresia junto com as doutrinas de Sabélio em 261 A.D.

que o Pai e o Filho são da mesma substância, porém era incapaz de fazer justiça à humanidade de Cristo.

→A Atitude da igreja: Opôs-se tanto ao dinamismo (quanto à doutrina da consubstancialidade do Filho com o Pai) como ao modalismo (quanto à doutrina da Trindade) principalmente no que diz respeito à doutrina do nascimento do Filho na eternidade.

Capítulo 7 – O ARIANISMO: O CONCÍLIO DE NICÉIA

Ário havia sido discípulo de um seguidor de Paulo de Samósata. Ele partia de um conceito filosófico de Deus, afirmando ser Cristo um semi-Deus (idéia politeísta), o que acabava negando a divindade do Filho. Foi excomungado por seu bispo (Alexandre). O arianismo foi levado ao Concílio de Nicéia (325) aonde três facções fizeram-se presentes: o grupo de Eusébio de Nicomédia (arianos puros), o grupo de Alexandre (opunham-se ao arianismo), o grupo de Eusébio de Cesaréia (grupo intermediário). Neste concílio aceitou-se um credo (proposto por Eusébio de Cesaréia) que com pequenas modificações e a inclusão da expressão *homooúsios* (da mesma substância). Mais tarde a vitória sobre o arianismo foi confirmada em Constantinopla.

Capítulo 8 – ATANÁSIO: A FORMAÇÃO DA DOCTRINA TRINITÁRIA

Atanásio foi um zeloso defensor da fé contra os arianos e o poder imperial que apoiou estes. A Bíblia (sob a qual para ele a tradição estava sujeita) era a única fonte. Negava a filosofia como recurso para desenvolver a fé cristã. Para ele a regra de fé e o conteúdo escriturístico eram idênticos. A Bíblia não podia ser legalisticamente interpretada, devia ser vista cristologicamente. A doutrina do Logos é um dos fundamentos para a fé cristã segundo Atanásio. Contribuiu com a teologia ao dizer que o Espírito Santo é da mesma essência do Pai e do Filho.

→Os três capadóciolos: Basílio, o Grande; Gregório de Nissa; Gregório de Nazianzo. Foram os que levaram adiante a obra de Atanásio a fim de dar à doutrina da Trindade sua forma final. Graças (em grande parte) à influência destes três homens, defensores da fé niceana, que Nicéia teve confirmada sua vitória contra o arianismo e o monarquianismo. Fizeram uma distinção entre *ousia*⁹ e *hypóstasis*¹⁰. Para eles o Pai é não gerado (*agénnetos*) e é a fonte (*átios*); o Filho é gerado pelo Pai e realiza a obra (*deemiourgós*); e o Espírito Santo procede do Pai através do Filho, sendo aquele que completa a obra (*teleiopoíós*). Os capadóciolos chegaram à posição de “uma substância” enquanto três pessoas, indo além de Atanásio quando distinguiram entre *ousia* e *hipóstase*.

→Agostinho e a doutrina da trindade – O credo Atanasiano: Agostinho, mais do que outro, deu forma definitiva à posição ocidental quanto à trindade. A teologia de Agostinho forneceu a base para a posição trinitária encontrada no Credo Atanasiano, o último dos três credos ecumênicos. Ele procurou esclarecer que a unidade divina é constituída de tal modo que inclui as três pessoas, e que o caráter “trino” de Deus está implícito nesta unidade. Agostinho utilizou-se da estrutura da alma humana para

⁹ natureza indivisível da essência divina.

¹⁰ pessoa individual com existência independente.

exemplificar a relação correspondente de três com um, na mesma entidade, porém esta comparação é imperfeita. Agostinho ainda salienta energicamente, a unidade do Ser divino e tentou mostrar como a Trindade está implícita na unidade e vice-versa.

CAPÍTULO 9 – O PROBLEMA CRISTOLÓGICO

Como pode Cristo, verdadeiro Deus, ser e aparecer em forma humana?

Apartir de meados do séc. 4.

Apolinário

Segundo ele a natureza humana de Cristo possui qualidades divinas. Cristo trouxe sua carne do céu – carne celestial. Cristo tinha apenas a natureza do logos transformada em carne. Cristo não tinha alma humana.

Antioquia e Alexandria

Antioquia rejeitava o método alegórico – escritura no sentido literal. Enfatizavam a humanidade de Cristo. As naturezas de Cristo não se misturam. Alexandria tinha influência grega, ênfase no metafísico, divino. A natureza humana foi elevada à divina. Na união das naturezas as qualidades da humana desapareceram.

Nestório e Cirilo

A disputa entre Antioquia e Alexandria foi uma das causas do conflito entre Nestório e Cirilo. O concílio de Éfeso(431) decidiu a favor de Alexandria, então Nestório se afastou pois era de Antioquia e contra a decisão.

Nestório – parece ter levado a teologia antioquiana longe demais. Ele chegou a conceber dois Cristos – um divino e um humano. Nestório negou o ‘Maria mãe de Deus’, ele só aceitava ‘Maria mãe de Cristo’. Com isso negava a divindade.

Cirilo – Cristo é homem completo. Duas naturezas substancialmente unidas, não confundidas. Homooúsios.(mesma substância).

Eutiques, o Concílio de Calcedônia

Eutiques, abade em Constantinopla, concordava com Alexandria e era contra Antioquia. Após tornar-se homem, Cristo tinha apenas uma natureza. Eutiques foi excomungado, mas no Concílio de Éfeso em 449, o partido Alexandrino o reinstalou – esse concílio foi chamado “sínodo de ladrões”. O papa Leão I convocou o concílio de Calcedônia 451 para desfazer as decisões do “sínodo de ladrões”.

O Concílio de Calcedônia – este concílio rejeitou tanto o diofisitismo (duas naturezas separadas) como o monofisitismo (mistura). O objetivo do concílio era combinar posições Antioquianas e Alexandrinas, pontos de vistas orientais e ocidentais.

Após o concílio, outras controvérsias se seguiram.

Leôncio de Bizancio – a controvérsia Monoteleta

Leôncio foi o primeiro teólogo a procurar ajuda em Aristóteles. Ele usou a enhypostasia (duas naturezas uma pessoa). O logos constitui a pessoa de Cristo. a natureza humana está incorporada no logos, isto não nega que ela seja completa, composta de corpo e alma. Monoteletas – Cristo tinha duas naturezas mas apenas vontade divina. Os dioteletas diziam haver duas vontades e que a divina governa e opera através da humana.

João de Damasco

Completo a posição cristológica da igreja antiga. Sistematizou os fundamentos teológicos. Usou de métodos escolásticos e filosóficos para dar forma às idéias teológicas. Ressaltou a pessoa de Cristo, as duas naturezas, comunicação dos atributos. Cristo é Deus/homem. João de Damasco defendeu a adoração à gravuras pois representavam a divindade.

CAPÍTULO 10 – O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE IGREJA

O conceito de igreja desenvolveu-se, em parte, como resultado da oposição ao gnosticismo e outras escolas de pensamento estranhas.

Inácio, séc. 2 salientou que a igreja devia se unir em torno dos bispos, pois estes eram representantes da tradição apostólica. Isso para resistir aos ataques gnósticos.

O conceito romano de igreja se desenvolveu posteriormente, especialmente no ocidente. Os fatores foram problemas como penitência, santidade da igreja e validade do batismo feito por hereges.

Penitência – a tradição antiga descrevia como obra de lei e evangelho, terror pela lei e alívio pelo evangelho - contrição e fé. Mas aos poucos a penitência passou a ser um poder na mão dos bispos – obra humana.

Cipriano – (258) lançou bases para o conceito romano de igreja.

- Autoridade da lei e dos regulamentos está acima de tudo
- Ceia do Senhor é sacrifício oferecido pelo bispo em lugar de Cristo
- Bispos são portadores do Espírito Santo
- Pedro é símbolo da igreja, mas outros apóstolos tem mesmo valor. Estêvão de Roma declarou Pedro o principal e reivindicou para si essa autoridade, todos deviam ser submissos ao bispo de Roma – (origem do papado). Cipriano era contra, mas foi vencido.
- Para Cipriano, não há salvação fora da igreja, o batismo feito por hereges é inválido.

Em resumo, a instituição e o cargo se tornaram mais importantes que a Palavra.

CAPÍTULO 11 - AGOSTINHO

– O conceito de cristianismo:

Nas **confissões** Agostinho descreve sua peregrinação à fé cristã. Ele perambulou pelos caminhos do erro, mas foi atraído pela graça para o amor a verdade, e após a conversão seus desejos se voltaram à realidade espiritual. Agostinho submeteu-se a autoridade da Escritura, mas nunca rompeu definitivamente seus laços com o neoplatonismo. Em sua opinião, o cristianismo e o neoplatonismo

não se excluíam mutuamente, mas que as idéias neoplatônicas o capacitavam a entender o cristianismo. Porém agora o primeiro lugar é do cristianismo e o único caminho para o alvo é a fé no evangelho. Para Agostinho o cristianismo responde as questões mais profundas da filosofia, e em contrapartida aceita as questões levantadas pela filosofia, e desta maneira reconhece a atitude básica frente a vida. O que levou Agostinho a fazer a ligação entre cristianismo e neoplatonismo é a busca do homem pelo bem supremo, esse bem supremo é Deus.

Agostinho distinguia entre o amor ao bem supremo, **caritas**, e o amor ao mundo, as coisas temporais, **cupiditas**. Os dois relacionam-se um com o outro como bem e mal. Agostinho considerava o amor especialmente aquilo que coincide com a vontade interna do homem. Este podia dirigir-se para cima, em direção a Deus, ou para baixo em direção ao temporal, à criação. No homem natural o amor se dirige ao mundo, mas quando ocorre a conversão o amor se dirige à Deus.

Poderia parecer que o homem deveria romper sua relação com o mundo após a conversão, mas Agostinho não afirma isso, ele considera a criação de Deus boa, e somente quando o amor a essa criação toma o primeiro lugar no coração é que isto se torna objetável. A vida na terra é como uma jornada à terra natal. O cristão deve usar o mundo mas este não deve ser o objeto da alegria do homem. O amor que usa o mundo, mas encontra verdadeira alegria na pátria celeste é **caritas**.

– A doutrina da igreja:

Com respeito à doutrina da igreja, a posição de Agostinho pode ser interpretada de várias maneiras. Tanto o conceito hierárquico como as tendências antipapais da Idade Média encontraram apoio em Agostinho.

O conceito de igreja desenvolvido por Agostinho se deu devido ao Donatismo, que condicionava a validade dos atos litúrgicos à dignidade do oficiante. Os donatistas consideravam a igreja como comunhão dos santos, onde não poderia participar nenhum pecador.

Agostinho considera válido o batismo, a ordenação e os outros sacramentos independente do oficiante. O batismo e a Santa Ceia são os principais sacramentos. Agostinho divide o sacramento em si, e a eficácia do sacramento, e diz que a eficácia só se recebe dentro da igreja. O ato externo é valido mesmo ministrado por um não cristão.

Quanto ao conceito de igreja em geral, Agostinho possui um conceito triplo de igreja.

- A *organização eclesíastica externa* formada por todos os que confessam o nome de Cristo e participam dos sacramentos. Esta comunidade é constituída pelos sacramentos e santificada pela Palavra. Sua santidade não consiste na santidade de seus membros, pois os verdadeiros cristãos e os hipócritas se encontram lado a lado, e vivem juntos.

- A *comunhão dos santos*, igreja no sentido verdadeiro do termo; que compõe-se dos piedosos, daqueles em quem o Espírito de Deus opera e nos quais acendeu a chama do amor **caritas**.

- *Os predestinados*, os que são eleitos por Deus para a salvação, e podem ser salvos mesmo sem os sacramentos ou a pregação da Palavra de Deus.

Quanto a relação da igreja com o Estado, Agostinho prega a mútua dependência e obrigações recíprocas. Essa relação foi o prenúncio da idéia medieval do Estado Teocrático.

– Pecado e Graça:

Essa doutrina foi desenvolvida quando da controvérsia pelagiana, onde Agostinho se opôs aos ensinamentos de um pregador chamado Pelágio, que apareceu em Roma pouco antes do ano 400. Os principais ensinamentos de Pelágio eram de que o homem possui livre vontade para escolher o bem, negava o pecado original e dizia que os pecados atuais são costumes enraizados no homem e que este pode se tornar perfeito aqui na terra através das boas obras. Para Pelágio graça de Deus é a liberdade de escolher entre o bem e o mal.

Agostinho manteve firme oposição a tais idéias. A controvérsia dizia respeito, em sua maior parte aos seguintes pontos: o livre arbítrio, o pecado original, a conquista da salvação, graça e predestinação.

- O livre arbítrio:

No assim chamado estado original, isto é, quando o primeiro homem foi criado, ele possuía medida completa de liberdade. Tinha então livre arbítrio para escolher entre o bem e o mal. O homem tinha capacidade de evitar o pecado (**posse non peccare**) mas a liberdade também encerrava a possibilidade de queda. E o primeiro pecado foi ocasionado pelo livre arbítrio. Essa queda tirou do homem a escolha pelo bem, ele perdeu o livre arbítrio. A **caritas** foi substituída pelo **cupiditas** na vida do homem. A liberdade do homem transformou-se em **non posse non peccare**. Com isso Agostinho se opõe a Pelágio quanto a capacidade do homem de fazer o bem. Agostinho, porém não é determinista, o homem age livremente, mas devido a sua corrupção, só está livre para pecar.

– O pecado original:

O primeiro pecado foi ofensa com a qual o homem incorreu em culpa perpétua perante Deus. Essa culpa é a essência do pecado. A culpa pelo pecado original é herdada de Adão por todos os homens, esta culpa é removida pelo batismo, de modo que o pecado original não é mais contado como pecado, mas a concupiscência atribuível a influência do pecado permanece no homem após o batismo. Essa concupiscência é a corrupção que torna toda humanidade condenável perante Deus. Com isso Agostinho conclui que crianças não batizadas estão sujeitas a condenação. Posteriormente Agostinho sugeriu que as orações da família podiam, em alguns casos substituir o batismo.

Agostinho descreve o pecado não como atos isolados, mas a completa corrupção gerada pelo pecado original.

– A conquista da salvação e a graça:

Na realidade o homem pode ocasionalmente fazer o que é bom e útil aqui na terra, mas enquanto a perversão da vontade domina, isto não pode ser verdadeiramente bom, pois o próprio homem permanece mau e seus atos se dirigem para aquilo que conduz à corrupção. Isto significa que o homem é incapaz de cooperar no interesse de sua salvação.

Na opinião de Agostinho, a salvação se encontra no perdão dos pecados pela fé em Cristo que fez expiação pelos nossos pecados e através dele o homem pode participar da graça de Deus. Essa graça é a vontade misericordiosa de Deus que opera este perdão.

Mas a graça não apenas remove o pecado, também efetua a regeneração do homem. A vontade do homem se altera, o amor é derramado nele e como resultado disto pode fazer verdadeiramente o que é bom e pode tornar-se cooperador de Deus na fé. Agostinho parece dizer que esta regeneração é o

alvo. O amor a Deus é o pressuposto da salvação do homem. Esta interpretação é diferente da dos reformadores. Lutero e a tradição luterana dizem que apenas a fé justifica, as obras humanas aí não tem lugar. Agostinho considera a graça infusa, ao passo que a tradição luterana considera a graça imputada.

– A predestinação:

A oposição de Agostinho a Pelágio expressou-se mais fortemente em sua doutrina da predestinação. A graça, que é a única fonte da salvação do homem, é ao mesmo tempo onipotente. A onipotência dessa graça significa que a salvação do homem depende da vontade e do decreto divino e não nos nossos méritos ou no livre arbítrio, como dizia Pelágio.

Para Agostinho, Deus escolheu na eternidade, certos homens para serem convertidos e salvos. A graça lhes dá fé e perseverança. Agostinho acreditava que os predestinados possam existir fora da igreja. Ele também considera que os que não são salvos, isto tem origem também na vontade de Deus, ou seja, existe *dupla predestinação*. Quanto a isso, a igreja Luterana ensina, pela Bíblia, que Deus deseja a salvação de todos, negando a predestinação para condenação.

II Parte

A Idade Média de Agostinho a Lutero

A Controvérsia sobre o Agostinianismo até o sínodo de Orange, 529 cap. 12

A doutrina da graça e da predestinação criaram amplas discussões nos anos seguintes. Os pontos principais eram: a extensão do livre arbítrio, o papel da graça na conversão e o significado da predestinação.

O *semipelagianismo* se opunha ao fato da vontade humana ser incapaz de fé e boas obras. João Cassiano era o principal semipelagiano. Ele dizia que o homem com a “ajuda” da graça, pode viver vida virtuosa, ele pode aceitar ou rejeitar a graça, às vezes Deus toma a iniciativa, outras vezes o homem tem a iniciativa da conversão. Graça e livre arbítrio andam juntos.

O Sínodo de Orange (529) – neste sínodo as idéias semipelagianas foram rejeitadas. A doutrina agostiniana do pecado original foi sancionada.

- O homem é incapaz de dar o primeiro passo para receber a graça
- Deus opera todo o bem dentro do homem
- Nem a fé, nem o amor, e nem as boas obras resultam do livre arbítrio. Devem ser precedidas pela graça
- A idéia da dupla predestinação foi rejeitada.

A transição do período antigo medieval; Gregório o grande cap. 13

É a época da queda do império romano, quando os povos germânicos assumiram o poder político. Nessa época foram lançados os alicerces do escolasticismo e da cultura medieval. Importantes nomes trabalharam para levar a herança da antigüidade para o período medieval que surgia.

Boécio – transmitiu conhecimentos aristotélicos. É considerado o último romano e o primeiro escolástico.

Dionísio – através de seus escritos a Europa medieval tomou conhecimento da cosmovisão e do sistema religioso do neoplatonismo.

Gregório – eleito papa em 590, considerava a igreja em navio velho, atacado pelas ondas, com ameaça de naufrágio iminente. Na história do dogma seu papado é considerado linha divisória entre a igreja antiga e a idade média.

- Aceitou a doutrina da graça de Agostinho em forma simplificada.
- A graça de Deus transforma a vontade humana, então o bem tem como causa a graça mas o livre arbítrio do homem depois coopera.
- O objetivo da graça é produzir boas obras que podem ser recompensadas – (idéia de mérito e recompensa na teologia medieval).
- A doutrina da expiação – Cristo exemplo para os homens, substituto pelos pecados dos homens.
- A morte de Cristo é descrita como se o diabo houvesse se excedido: a natureza divina é comparada a um anzol oculto no corpo de Cristo que o diabo engoliu sem saber quem era aquele que ele atacava.
- Santa Ceia é repetição do sacrifício de Cristo.

Gregório combinou tradição teológica com crenças populares, o que influenciou certos costumes na idade média.

A teologia Carolíngia cap. 14

Foi o período entre Gregório e o início do escolasticismo(600 – 1050) e não teve grande desenvolvimento na teologia. Nesta época os povos recém cristianizados muito se devotaram ao cristianismo. Alguns teólogos colecionaram e reproduziram a tradição teológica antiga, principalmente a de Agostinho e Gregório.

Algumas discussões dogmáticas:

Controvérsia adocionista – se deu quando o espanhol Elipando de Toledo apresentou a idéia de que o homem Jesus se uniu ao Filho de Deus de tal modo que pode ser chamado Filho adotivo. Toledo foi condenado em vários concílios.

Controvérsia sobre o Filioque e a controvérsia iconoclasta

Teólogos gregos eram contra o Filioque – (o Espírito Santo procede do Pai e do Filho), eles diziam que o Pai é a essência superior e que o Filho e o E.S procedem do Pai. Então o E.S não pode proceder do Filho. O Filioque foi definitivamente aprovado no séc. XI quando o Credo Niceno entrou na missa.

A controvérsia iconoclasta se deu quando o concílio de Nicéia aprovou a adoração a imagem e gravuras porque entendia que o que se adorava era a pessoa ali representada. O culto real(latréia) foi repudiado. Apesar disso Carlos Magno e seus teólogos eram contra a decisão de adoração a gravuras. O Concílio de Constantinopla(870) reconheceu a decisão de Nicéia.

A Ceia do Senhor na primeira parte da idade média cap. 15

A presença real de Cristo era a questão central nesta época. Ela era posta acima de qualquer dúvida, mas a questão é se esta presença deve ser entendida de forma literal ou simbólica.

A interpretação agostiniana muito contribuiu para responder a questão. O conceito de Agostinho era simbólico: 'o sacramento é um sinal, os elementos são portadores de uma realidade invisível, espiritual'.

Pascário Radberto apresentou a doutrina da presença real como transformação do pão e vinho em corpo e sangue. Esse corpo e sangue são do Cristo terreno, histórico(idéia de sacrifício). Após a consagração existe apenas o corpo e sangue. Essa explicação alicerçou a doutrina da Transubstanciação.

Outro teólogo chamado Ratramno, enfatizou mais o aspecto simbólico de Agostinho. Para Ratramno o corpo e sangue de Cristo são recebidos, mas de forma simbólica, é o corpo espiritual que só pode ser recebido pela fé, de maneira espiritual. A aparência externa dos elementos não é a coisa em si, mas o que eles representam.

As idéias de Radberto foram desenvolvidas e formaram a base da teoria da Santa Ceia na idade média. A posição agostiniana foi substituída pela doutrina da Transubstanciação.

A doutrina da penitência na primeira parte da idade média cap. 16

Na igreja antiga a penitência era um ato público, onde a pessoa era readmitida na comunhão da igreja. Isso só podia ocorrer uma vez.

Mas no correr do tempo este ato público foi sendo substituído por outras práticas como jejuar, dar esmolas, orações, etc. A confissão passou a ser privada. Essa mudança deu-se através das igrejas Célticas e anglo-saxônicas, e seus missionários levaram esta forma de penitência ao continente europeu onde foi gradualmente sendo aceita. Por volta do ano 800 a forma pública de penitência havia desaparecido. A nova forma de penitência se tornou praxe na Igreja Católica Romana.

Nasceu em 1484, logo encaminhou-se a teologia Escolástica humanista de Erasmo de Rotterdam. Entre 1519-1520 rompeu com Erasmo e seu pensamento pelagiano. Começou a pregar a fé em Cristo. Teve como grande influência Agostinho, e também Lutero (Embora ele diga que Lutero não o influenciou). Apesar disto, não se libertou definitivamente do humanismo. Não aceitou a idéia da culpa herdada no pecado original; dizia também que o espírito das pessoas não pode ser considerado como parte do físico. Não considera o batismo e a ceia como meios da graça. As crianças não possuíam culpa antes dos pecados atuais. A ceia para ele era só mero simbolismo memorial. Sua reforma foi mais política, social e moral. Foi morto em 1531 na batalha de Kappel.

Cap. 17 - A Fase Inicial da Escolástica

Anselmo de Cantuária é considerado como o fundador desse método que fora empregado nas escolas e universidades ocidentais. Método este esse que era usado para compreender as verdades reveladas na Escritura utilizando-se da razão humana. Esse método não desprezava a Escritura e a Tradição, pelo contrário, procuravam se utilizar da razão e outros meios disponíveis pra investigar e estabelecer a verdade da fé.

Fatores que contribuíram para o desenvolvimento da escolástica foram: a renovação da igreja, de um lado, que se exprimiu na reforma monástica, e por outro lado, a crescente associação com a educação filosófica da época. Assim como nas escolas e catedrais a educação baseava-se na herança educacional da antigüidade, assim também o material teológico foi estudado de acordo com métodos e formas de pensamento filosóficos.

Os escolásticos empregavam o sistema dialético herdado da antigüidade e introduzida na filosofia ensinada nas escolas e universidades que floresceram na Idade Média sob a proteção da igreja e dos mosteiros.

Com relação à Santa Ceia, o papa Inocêncio III estabeleceu a doutrina da transubstânciação. Decretou-se que “o pão na ceia do Senhor é transformado pelo poder de Deus no corpo de Cristo, e o vinho no sangue de Cristo.

- Desenvolvimento do Método Teológico:

De um certo ponto de vista, a escolástica foi uma maneira independente de lidar com a tradição teológica herdada do passado.

Anselmo foi o responsável pelo desenvolvimento escolástico. Seu ponto de partida para o pensamento teológico era uma fé viva: “Quem não crê não pode compreender. Pois quem não crê não ganha experiência; e quem não ganha experiência não compreende”.

O método usado fora introduzido por Pedro Abelardo. Esse método consistia em tentar combinar autoridade e razão, fé e erudição independente. Para reconciliar estes pontos de vista opostos, Abelardo o fazia de três formas: a) examinava as afirmações criticamente à luz da história, afim de determinar sua relação; b) avaliava-as com base na autoridade: apenas a Bíblia é infalível, enquanto os pais eclesíásticos podem errar; c) esclarecia a verdade tradicional empregando a razão e princípios racionais de universais. Abelardo partia do princípio de que fé e razão não podem contradizer-se, uma vez que se originam da mesma fonte – a verdade divina.

- Meditação e Contemplação:

A meditação relacionava-se intimamente com a oração, implicava em busca da verdade; seu objetivo era despertar o amor a Deus no ser humano/ nos corações humanos. A contemplação pressupunha o domínio dos desejos, e a iluminação da alma pela luz da verdade; era a forma mais elevada da dedicação ao conhecimento, a visão ampla, que pressupõe estar a alma cheia de alegria e paz, que ela repousa na verdade e que alcançou o perfeito amor a Deus.

- Fé e Razão:

Conforme Agostinho e, posteriormente Anselmo, a fé é o pressupõe para a percepção racional da verdade revelada: “compreender é recompensa da fé”. “Tal como a ordem correta é que creiamos as coisas profundas da fé cristã antes que ousemos discuti-las com razão, assim parece-me negligência se, depois de estarmos estabelecidos na fé, não buscamos entender o que cremos”(Anselmo).

Na sua prova antológica da existência de Deus, Anselmo argumenta que a fé concebe Deus como o ser mais elevado e mais perfeito. Este conceito pode ser compreendido intelectualmente mesmo por aqueles que negam a existência de Deus. Mas o que é mais elevado que se pode conceber, não ode existir apenas no intelecto. É preciso admitir há um ser supremo que existe tanto no intelecto quanto na realidade. Tomás de Aquino criticou esse pensamento dizendo que isso não prova a existência de

Deus. Em seu argumento cosmológico, Tomás diz que a única conclusão que se pode tirar é que se Deus é o mais elevado que se pode conceber, deve-se pensar que ele existe na realidade. Porém a realidade não pode ser verificada como necessidade lógica.

- Teoria da Expição Segundo Anselmo:

Anselmo não pretendeu simplesmente fornecer uma interpretação teológica da obra de Cristo, mas mostrar que a doutrina da encarnação e de expiação realizada pela morte de Cristo são apoiadas pela lógica.

Quando houve a queda, a criatura tinha retirado a honra devida ao Criador, e que não restaurou o que ela retirou, pois o homem é incapaz de realizar tal satisfação, pois nada do que fizer pode ser considerado recompensa adequada para o mal feito. Satisfação esta que ninguém a não ser Deus pode realizar. Essa satisfação, segundo Anselmo, não foi feita mediante a vida de obediência de Cristo, mas sim, por intermédio de sua morte.

Cap. 18 - A Alta Escolástica

O conhecimento crescente da filosofia neoplatônica e aristotélica contribuíram significativamente para o desenvolvimento doutrinário da Alta Escolástica. A metafísica neoplatônica e aristotélica constituiu a base de toda a exposição teológica.

Os primeiros escolásticos empregam o método dialético na discussão das verdades da fé, a fim de, por assim dizer, demonstrar sua necessidade lógica posteriormente. Na alta escolástica, a adaptação racional tornou-se mais independente em relação à fé.

- Agostinianismo e Aristotelismo:

Agostinho: o conhecimento intelectual pode ser essencialmente derivado de “iluminação” imediata. Com relação à fé, esta só é verdadeira se esta for uma certeza imediata. Esta é superior a toda autoridade, e implica em certeza imediata sobre as coisas divinas. “As coisas externas não são a causa do nosso conhecimento, apenas levam o indivíduo a formar conhecimento.

Aristóteles: “Nada há no intelecto que antes não tenha estado nos sentidos.” Este conceito baseava-se na idéia de que o homem recebe o conhecimento de fora. O conhecimento compõe-se da união do intelecto com o objetivo do conhecimento. A verdade da fé é revelada, ou seja, ela vem ao homem por intermédio da Escritura, mas tem sua origem na própria verdade de Deus.

O fundador da Alta Escolástica foi Alexandre de Hales. Ele estava ligado à corrente agostiniana: todo o conhecimento, tanto natural como revelado, pressupõe a iluminação da alma pela luz divina.

Tomás de Aquino: “Teologia é uma ciência”. O conteúdo da fé é inacessível à razão e só pode chegar ao homem por meio da revelação e da luz da graça. A razão é incapaz de perceber o fundamento da verdade revelada. Este fundamento, porém, é aceito pela fé mediante/ com base na autoridade divina.

Duns Scotus: Considerado o mais astuto dos escolásticos, levou a análise filosófica de questões teológicas ao extremo. Ao mesmo tempo, Duns fez surgir novas correntes de pensamento que renunciaram a dissolução da escolástica e a revelação harmoniosa entre teologia e filosofia.

- Doutrina da Graça:

“O homem pode ser elevado acima do nível da natureza”. Foi introduzida também a idéia de ações preparatórias para a justificação. A proclamação da Palavra/ evangelho, ocupa um relativamente obscura no plano da salvação.

Cap. 19 - Fase Final da Escolástica

- Ocamismo:

O fundador desta escola foi Guilherme de Occam, o qual fez reviver a posição nominalista, que afirma que apenas o individual possui realidade. Os nominalistas julgavam, a princípio, que a Escritura é a única autoridade. Desenvolvem a teoria da inspiração imediata da Escritura, ou seja, aquela que lê a Bíblia(se é crente) imediatamente concorda com cada uma das coisas registradas nela, porque crê que todas estas coisas são reveladas por Deus”. Porém nem todo homem poderia obter uma fé firme. Por isso, distinguiam entre fé implícita a qual leigos possuíam, e a explícita, que os clérigos possuíam.

Prova da existência de Deus: racionalmente, não é possível provar que Deus é a primeira causa de todas as coisas. Mas a reivindicação que Deus é um só e infinito, devem ser considerados confissões de fé e nada mais. Occam julga que há uma diferença radical entre filosofia e teologia. Com isso, proposições e conceitos teológicos podiam ser tratados por meios dialéticos e lógicos.

Para Occam, o pecado original não existe na natureza humana. É apenas o julgamento que Deus pronuncia sobre o ser humano, atribuindo a ele a culpa de Adão.

Os dons da graça são atribuídos ao ser humano devido a obras realizadas/ praticadas por ele. O homem pode, por seus próprios poderes naturais, amar a Deus acima de todas as coisas.

Os nominalistas desenvolveram a teoria da inspiração imediata da Escritura. A autoridade canônica baseava-se na convicção que as palavras da Bíblia tinham sido inspiradas nos autores pelo próprio Deus. Não é todo o homem que pode alcançar uma fé firme em todas as verdades bíblicas. Baseado nisso, distinguiam entre *fides implícita*, que aceita verdade bíblica ou doutrinária apenas de maneira geral, e *fides explícita*, que pressupõe conhecimento dos artigos individuais de fé; esta só era exigida de clérigos, enquanto aquela era considerada suficiente para os leigos em geral.

Cap. 20 - Os Místicos Medievais

Uma característica do misticismo era que restringia muito mais a matéria teológica que a escolástica.

O principal místico foi Meister Eckhart, o qual combinou material cristão tradicional com misticismo neo-platônico.

Deus é a Unidade Absoluta, além da complexidade da criação e mesmo além da Trindade. Cristo seria o protótipo da união de Deus com o homem.

O homem é salvo mediante a união com o divino, e isto acontece/ se realiza de três formas/ etapas: a) purificação: arrependimento, um morrer para a busca do pecado e o conflito contra a sensualidade; b) iluminação: imitação dos sofrimentos e da obediência de Cristo. “A maneira mais próxima de se alcançar a perfeita é através do sofrimento”; c) união da alma com Deus: o homem se torna

inteiramente livre das coisas criadas e suas seduções, bem como a si mesmo. Para encontrar a perfeição, o homem deve unir-se com o próprio Deus e assim entrar em contato com a única realidade verdadeira.

Cap. 21 – Lutero

No mosteiro, Lutero deparou-se com a posição dogmática occamista, cuja doutrina declara que o homem recebe a graça mediante as obras praticadas; o homem pode por seus próprios poderes amar a Deus acima de todas as coisas. Staupitz, professor de Lutero, tinha posição diferente da que Lutero tinha. Ele então recomendou a que Lutero contemplasse o Cristo crucificado e considerar as provas e tentações como sinais da graça de Deus.

“Só se pode entender a Bíblia a partir da experiência religiosa, quando o que se aprendeu dela é posto em prática mediante a fé”.

Lutero mantinha o ensinamento de Agostinho sobre pecado e graça para contrapor à doutrina da escolástica sobre justificação.

“A justiça de Deus não é uma justiça que julga e faz exigências, mas é a justiça dada por Deus em graça”.

- A Teologia de Lutero e/ relação ao ocamismo e ao misticismo:

“A graça é o perdão dos pecados que só pode ser recebido pelos que são por si mesmos pecadores e nada valem perante Deus. atribuir ao homem a capacidade natural de amar a Deus ou de se preparar para a graça, como entendiam os ocamistas, é tornar o evangelho nulo e vão”.

Lutero dizia que não se pode julgar ou investigar a verdade revelada com o emprego da razão, contrapondo ao ocamismo.

A concepção do ser humano era praticamente a mesma entre Lutero e o misticismo. Estes entendiam o “velho homem” como sendo a vontade egocêntrica oposta a Deus, e o “novo homem” como sendo a vontade que se une a Deus. Mas, contudo, a diferença decisiva entre ambos se encontra no conceito teológico de homem: o pecado. Lutero sustentava o pecado original, enquanto que os místicos entendiam o pecado como sendo algo externo ao ser humano, algo que não afeta o interior humano.

Cap. 22 – Melanthon

Melanthon, era denominado de “o educador da Alemanha”, devido ao fato de ele ter lançado as bases para a educação superior na Igreja Protestante, não apenas no campo teológico mas também no filosófico. Entre seus escritos está o livro *Loci Commune*, o qual é o primeiro livro teológico no campo da dogmática. Sem a contribuição dele a reforma não teria solidez e a amplitude que teve/ alcançou.

Melanthon não seguiu a Lutero em todos os pontos. Com respeito a predestinação, Lutero diz que nada ocorre sem a vontade e cooperação ativa de Deus. ou seja, se as coisas acontecem de acordo com a predestinação divina, a vontade não é livre. Melanthon, por sua vez, dizia que a vontade pode cooperar em determinadas situações; como por exemplo, com relação aos efeitos corruptores do pecado original: somente o Espírito de Deus é capaz de deter esses efeitos, mas a vontade também coopera nesse sentido. Pois o Espírito age sobre o homem através da Palavra, ele pode aceitar ou não esse chamado. A conversão resulta em três fatores: a Palavra, o Espírito Santo e a vontade humana. O

homem não pode desculpar sua inatividade face ao chamado da graça dizendo que nada há que possa fazer; pois com o apoio da Palavra pode ao menos rogar a ajuda de Deus. neste contexto, o livre arbítrio foi definido como sendo a “capacidade de dirigir-se à graça”.

A graça de Deus é universal. Mas o fato de alguns serem escolhidos e outros condenados, reside no próprio ser humano, fundamentando-se em sua própria conduta. A “eleição divina é secreta e externa”. O chamado é universal, e se um homem é rejeitado, foi porque ele rejeitou o chamado. Isso tudo não quer dizer que Melancthon era sinergista, apenas procurava enfatizar os aspectos humanos na experiência da conversão.

A lei ensinada por Lutero consiste em dois usos: o *usus civilis* e o *usus theologicus*, lei esta que é uma ordem divina, imutável, à compete ao homem obedecer. Melancthon acrescentou ainda um terceiro uso, o *usus tertius in renatis*. Com isso queria dizer que mesmo os regenerados estão subordinados a lei e, na pregação da lei encontram uma norma e regra de conduta para suas vidas.

A atitude dogmática de Melancthon revelou-se ainda mais em sua doutrina da igreja: a igreja visível, a qual é composta daqueles que confessam a doutrina pura e participam dos sacramentos. Portanto, a marca distintiva da verdadeira igreja não é simplesmente a pregação da Palavra, mas também a doutrina pura.

Cap. 23 - Zwínglio

Nasceu em 1484, logo encaminhou-se a teologia Escolástica humanista de Erasmo de Rotterdam. Entre 1519-1520 rompeu com Erasmo e seu pensamento pelagiano. Começou a pregar a fé em Cristo. Teve como grande influência Agostinho, e também Lutero (Embora ele diga que Lutero não o influenciou). Apesar disto, não se libertou definitivamente do humanismo. Não aceitou a idéia da culpa herdada no pecado original; dizia também que o espírito das pessoas não pode ser considerado como parte do físico. Não considera o batismo e a ceia como meios da graça. As crianças não possuíam culpa antes dos pecados atuais. A ceia para ele era só mero simbolismo memorial. Sua reforma foi mais política, social e moral. Foi morto em 1531 na batalha de Kappel.

Cap. 24 - Calvino

Um dos seus antecessores foi Bucer, que tinha uma posição mediadora entre Lutero e Zwínglio. João Calvino, nasceu na França em 1509, estudou direito. Fugiu da França por causa da sua fé. Em 1536 publicou o seu manual doutrinário, os **Institutos da Religião Cristã** (tratava de Deus como Criador, como Salvador, modo de receber a graça de Cristo e os meios externos pelos quais Deus nos convida a comunhão com Cristo e nos preserva nela). Calvino também possui a idéia da dupla predestinação, que foi rejeitada por Lutero que mostrou passagens bíblicas que mostram o desejo de Deus em salvar toda a humanidade. (I Tm 2.4; I Jo 2.2). diz que o Espírito Santo ditou as palavras para os escritores da Bíblia. A doutrina da ceia também se opõe a luterana. Não aceita a presença física de Cristo na ceia, pois Cristo está no céu e não pode estar ao mesmo tempo em dois locais. Não é totalmente simbólico, porém diz que por intermédio do Espírito Santo os fiéis participam do corpo de Cristo. – O finito não pode conter o infinito. É sua distinção rigorosa entre o espiritual e o físico.

Cap. 25 - Teologia Reformada até o Sínodo de Dort 1618-19

Os grupos eclesiais que aceitavam a teologia calvinista eram normalmente chamados de “reformados”, outros teólogos além de Calvino influenciaram neste grupo de reformados. Eles não tinham uma confissão comum entre si. Entre eles temos, Teodoro de Beza, desenvolveu uma rígida doutrina da predestinação de Calvino. Francisco Gomaro foi o mais ortodoxo calvinista, é dele a posição supralapsária que diz que tanto a queda como a condenação eterna foi preordenada. O Sínodo de Dort foi criado combater a oposição à doutrina da predestinação. E afirmou que há um certo número de homens escolhidos.

Cap. 26 - A Teologia em Áreas Luteranas até a Fórmula de Concórdia 1577

O sueco Olavus Petri (1552) um dos primeiros discípulos de Lutero. Aceitava a onipotência de Deus e a servidão humana. Em suas idéias básicas seguiu Lutero. Sua argumentação bíblica revela uma influência humanista. Gostava de enfatizar a união entre fé e obras.

João Brenz defendeu principalmente a doutrina de Lutero quanto a presença real do corpo de Cristo na ceia. Defendeu o conceito de ubiquidade do corpo de Cristo, ou seja, a natureza humana de Cristo compartilha a onipresença e onipotência da divina, isto também enquanto vivia na terra.

Os discípulos de Melancton tinham um maior devotamento à filosofia, à tradição, à antiguidade. Dentre eles temos Clemintz, um dos autores da Fórmula de Concórdia, que ao mesmo tempo que era um defensor do Luteranismo puro, concordava em alguns pontos com Melancton.

As Controvérsias teológicas: foram conflitos doutrinários que conturbaram a Igreja Luterana após a Reforma, mas que serviram para uma compreensão mais profunda das doutrinas da justificação, dentre elas temos: o antinomismo de Agrícola, ou seja dizia que a lei não deveria ser pregada ao cristão, mas que a bondade de Deus é que deveria conduzir ao arrependimento, com isso ele afirma que arrependimento só é levado pelo evangelho (Lutero não aceita isto). Outra controvérsia era a sinergista, que dizia poder cooperar com a conversão. Osiandro, dizia que a expiação nos torna justos, não mediante a imputação externa, mas pelo fato de Cristo habitar em nós como Palavra interna (diferente da interpretação luterana). Já George Major, defendeu que as boas obras são necessárias para a salvação, com isso ele quis dizer que as obras devem acompanhar a fé, já Nicolau, afirma que obras são prejudiciais à salvação, mas querendo afirmar a *sola fide*. Eram confusões em elaborar pensamentos, mas que foram devidamente esclarecidas. E a controvérsia com relação à presença real ou não do corpo de Cristo na ceia do Senhor, onde os artigos de Torgau condenam a posição dos calvinistas.

Cap. 27 - A Fórmula de Concórdia

A sua base é constituída de um escrito de Jacó Adrea de Tübingen em 1574, revisada por Clemanitz e depois por outros teólogos. Depois das devidas observações, foi enviada do Eleitor Augusto da Saxônia. Foi então denominada Fórmula de Concórdia. Foi assinada por príncipes, clérigos, teólogos. Foi elaborada para decidir de modo compatível às Escrituras e com os ensinamentos evangélicos, as controvérsias que tinham surgido entre os luteranos. Esta preparou o terreno para a elaboração do Livro de Concórdia (1580), que contém uma coleção de uniforme das declarações confessionais pelas

diferentes igrejas luteranas. São documentos doutrinários. O principal deles é a Confissão de Augsburgo. Seu conteúdo é: Sobre o pecado original; sobre o livre arbítrio; sobre a justiça da fé perante Deus; sobre as boas obras; sobre a lei e evangelho; sobre o terceiro uso da lei; sobre a ceia do Senhor; sobre a pessoa de Cristo; sobre a descida de Cristo ao inferno; sobre as cerimônias da igreja denominadas adiaforos e sobre a presciência e a eleição eterna. Ao final da Fórmula, encontramos descrições de seitas que não aceitam a Confissão de Augsburgo, os anabatistas, os schwenkfeldianos, os antitrinitários, cujos ensinamentos foram julgados opostos à Palavra de Deus e à Confissão.

Cap. 28 - A Contra Reforma: Teologia Católico Romana

Cajetano da Itália assumiu a liderança da contra reforma. João Eck e Pedro Canísio, líder da contra reforma na Alemanha. O Concílio de Trento em 13 de Dezembro de 1545 até 4 de Dezembro de 1563. Onde foi estabelecido os limites do cânone (os livros apócrifos foram incluídos) a Vulgata foi declarada a tradução autêntica. As “tradições” foram colocadas ao mesmo nível das Escrituras. Quanto a justificação, julgou-se necessário um preparo, nada foi dito sobre este ser meritório ou não. Concordam que a Graça é que convida, dá o primeiro passo, mas atribui significado á cooperação da vontade e as ações preparatórias. Este e outros pontos de doutrina foram desde então considerados como especificamente da teologia da Igreja Católica.

Cap. 29 - A Teologia na Inglaterra a partir da Reforma

A Reforma na Inglaterra ocorreu de modo diferente. É diferente tanto da Igreja Luterana como da Reformada. o rei Henrique VIII com maquinações políticas libertou a Inglaterra do poder do papa e ficou assim conhecido como o cabeça da igreja, era muito conservador em assuntos teológicos. Cramer (1533) foi o líder teológico da Reforma inglesa, preparou o caminho para a protestantização da Inglaterra. Em 1553 escreveu os Quarenta e Dois Artigos (depois, Trinta e Nove Artigos), que se amoldam aos escritos confessionais da Confissão de Augsburgo, e diferem da doutrina da Igreja Católica. Só sua teologia da ceia se assemelha com a calvinista, presença espiritual de Cristo. A Igreja da Inglaterra tornou-se uma igreja episcopal independente, subordinada á supremacia real. A posição anglicana segue o ponto de vista estritamente agostiniano, e aceita a doutrina luterana da justificação apenas por fé. Rejeitam as boas obras que precedem para a justificação. E rejeitam também a doutrina calvinista da dupla predestinação. Os Trinta e Nove Artigos afirmam a supremacia do poder real sobre a Igreja na Inglaterra, ressaltam porém que o rei não deve se ocupar com o ministério da Palavra, com a administração dos sacramentos, mas apenas no controle externo da igreja. Salisbury escreveu sua Apologia da Igreja da Inglaterra (1562). Salientou a Igreja Anglicana como a Igreja semelhante a dos apóstolos. Roma, disse ele, condenou o protestantismo no concílio de Trento sem lhe prestar a devida atenção. Se os protestantes fossem realmente heréticos, deveriam Ter sido derrotados com a Escritura. Surgiu também a Igreja Batista dentro da Inglaterra, cujo líder foi João Smyth. Sofreram influência dos anabatistas.

Grande revolução em 1640 alterou radicalmente a situação eclesiástica na Inglaterra. A princípio os presbiterianos dominaram, mas logo os liberais tomaram conta. Muitos conflitos surgem. Em 1669 foi convocada a Conferência de Savóia para resolver os problemas eclesiásticos, onde o anglicanismo original foi o mais favorecido. Durante o século XVII o anglicanismo foi se afastando do calvinismo

ortodoxo. A Restauração só contribuiu para aumentar espaço social e teológico entre anglicanos e presbiterianos. Em 1688 com a Revolução Global 400 clérigos anglicanos por questão de princípios se recusaram a jurar obediência ao rei Guilherme III. Estes clérigos foram demitidos de seus cargos. Tudo isto enfraqueceu muito a igreja na Inglaterra.

Cap. 30 - A Ortodoxia Luterana

Por volta de 1600, foi um desenvolvimento da tradição representada sobretudo pelos escritos confessionais luteranos e pelos teólogos que ampliaram e aprofundaram um ponto de vista correspondente. Apesar de sua profunda lealdade à igreja universal e a tradição luterana, ela reformulou uma teologia erudita. Pode ser associada a escola filosófica neo-aristotélica que se desenvolveu também neste mesmo período. Ali se produziu a metafísica escolástica protestante que, em muitos sentidos, forneceu os pressupostos científicos para a teologia e a ciência do período. Na medida em que foi aceita pela teologia, a filosofia escolástica alemã serviu para fortalecer a tendência intelectualista que caracterizou a ortodoxia luterana. Pelo seu emprego da filosofia, a ortodoxia luterana estava melhor aparelhada para preservar e transmitir a herança bíblica e da Reforma. Com respeito ao conteúdo doutrinário, todo o argumento racional deveria ceder lugar ao testemunho da Escritura. Concordavam no aparato da filosofia, mas como ferramenta em defesa da fé ou para explicar questões teológicas no contexto acadêmico. Neste ponto a ortodoxia luterana se diverge com o escolasticismo medieval e com a ortodoxia reformada que queriam unir revelação com os argumentos da razão.

As exposições dogmáticas ortodoxas luteranas seguem a ordem histórica da salvação. Seu princípio escriturístico excluía o princípio patrístico. Mas apesar disto a tradição ocupava lugar de destaque na teologia ortodoxa. Uma teologia do ponto de vista da Reforma, mas que pode ser encontrada na tradição teológica preservada na história do cristianismo. O material patrístico e da escolástica tiveram grande efeito na ortodoxia. Agostinho foi uma das grandes influências.

Representantes da ortodoxia luterana – (todo séc. XVII) Leonardo Hutter (1616, professor em Witermberga) e João Gerhard (1537) foram os principais. Hutter escreveu a **Compêndium locorum theologorum, ex Scripture Sacris et Libro Concordiae collectum** (1610). Gerhard, dogmático da ortodoxia luterana, continuou a edificar sobre a tradição da Reforma. David Hollaz, sua obra **Examen theologico-acroamaticum** (1707), é considerada o último sistema doutrinário produzido pela ortodoxia. Já se nota nesta obra influências do pietismo.

Características da ortodoxia luterana- **A Escritura; a Palavra como meio da graça** - A escritura é norma infalível para a fé e a conduta cristã, e o juiz de todas as controvérsias doutrinárias. Mesmo que ela contrarie a razão e quando parece contradizer a tradição eclesiástica. A Escritura nos revela tudo que se tem a saber com respeito á salvação, ela é clara em si. **A doutrina de Deus** – a doutrina da criação e a doutrina da salvação se relacionam com a exposição do ser de Deus. Faz-se referência a Deus como o “princípio do ser”. Nosso conhecimento de Deus tem sua base no fato que Deus se revela a si mesmo, ou através da obra da criação ou através da Palavra. O conhecimento natural de Deus foi deturpado e é porém insuficiente para alcançar salvação. O conhecimento de sua natureza e seus atributos deve ser obtido sobre tudo das Escrituras. Por exemplo o conhecimento de sua justiça para a expiação só sabemos através de sua palavra. **A doutrina da Trindade** - é usado principalmente os fatos da criação e do batismo de Jesus como referência a trindade de Deus nas Escrituras. A criação que é atribuída ao

Pai, a Salvação ao Filho , e a santificação ao Espírito Santo, porém as três pessoas cooperam nestas atividades. A prova da divindade do Filho e do Espírito Santo, foi elaborada com cuidado.

A cristologia foi muito enfatizada, dando destaque a união das naturezas, o Logos assumiu a pessoa da natureza humana. União inseparável, comunicação das naturezas, porém a natureza divina não se transforma em humana nem a humana em divina. Comunicação dos atributos (Gênero idiomático, majestático e apotelesmático). A distinção entre estado de humilhação e exaltação. O ofício real, sacerdotal e profético de Cristo. **A criação e a queda do homem** – a criação foi uma decisão livre de Deus. O Deus Trino produziu do nada tudo o que existe, tanto as coisas visíveis como as invisíveis. O homem foi criado á imagem e semelhança de Deus: perfeição, harmonia do homem inteiro, imortal. A queda- transgressão do mandamento de Deus, provocada pelas artimanhas do diabo. Com isto o homem ficou totalmente corrompido. Isto se transmite de geração em geração por meio do nascimento físico. Em lugar da justiça original, entraram no mundo uma condição de culpa e uma inclinação para o mal, através do pecado original. **Providência e predestinação** – providência, ligado a doutrina da criação, nada mais é que criação continuada. A predestinação no ponto de vista da ortodoxia luterana, concorda com o que diz o Livro de Concórdia: Eleição só se refere aos que chegam a crer em Cristo e que permanecem nesta fé até o fim. Deus os escolheu para a vida eterna em Cristo antes da criação do mundo. Por outro lado, a condenação se refere aos que persistem na descrença e impenitência até o fim. Estes recebem o justo juízo na morte eterna. Isto também se baseia sobre um decreto eterno. A ortodoxia rejeita também a idéia calvinista que ensina que Deus pré ordenou o mal de acordo com sua vontade oculta. **Livre arbítrio** – o homem encontra-se cativo em consequência do pecado, incapaz de fazer o bem espiritualmente e não pode cooperar com sua conversão. Mediante a regeneração a liberdade do homem é parcialmente restaurada de modo que pode cooperar com a graça e combater o pecado; a condição da bem-aventurança traz consigo a libertação final do cativo do pecado. Liberdade da vontade em relação ao objeto escolhido. Ou seja o homem em si é incapaz de cooperar em sua salvação ou fazer o que é bom diante de Deus. **Lei e evangelho; arrependimento** - a lei é a eterna e imutável sabedoria e regra de justiça válida perante Deus. Esta lei foi cumprida perfeitamente por Cristo visto ser o homem incapaz de cumpri-la. Sendo assim ela nos serve para revelar o pecado, para acusar o homem e para condenar os que não foram libertados da maldição da lei pela graça, tornada acessível pela expiação de Cristo. O perdão é pronunciado pelo evangelho. O evangelho é portanto a proclamação da completa redenção de Cristo. O arrependimento é pois efeito da operação lei e evangelho. Arrependimento consiste em contrição e fé. É obra do evangelho, como fruto da fé e não movida pela lei. **Fé e obras** – o homem não é declarado justo por causa de suas obras, pois é justificado tão somente pela fé que se apegua à expiação de Cristo e à misericórdia de Deus nela revelada. A conexão ente fé e obras é a de serem estas frutos da fé. **Os sacramentos, a igreja e escatologia** – a participação em sua obra expiatória em seu corpo e sangue, é seu dom celestial que, no poder das palavras da promessa, é dado em, com e sob os sinais externos – a água no batismo e pão e vinho na ceia do Senhor. Igreja é a congregação de santos e crentes, em que a Palavra divina é pegada em pureza e os sacramentos são corretamente administrados. Escatologia- fim dos tempos, no dia derradeiro, ocorrerá a ressurreição dos mortos seguida do juízo final.

O Conflito contra o socialismo – o socialismo se propagou principalmente no séc. XVI, preparou o caminho da teologia racionalista da era do Iluminismo. Só aceitavam aquilo que não era oposto á razão. Rejeitam a divindade do Espírito santo(mero poder divino) e de Cristo (mero exemplo). Negam a sua obra de expiação. Dizem que Deus pode em “vontade absoluta” perdoar e outorgar a vida eterna a

todos que crêem e procuram viver em inocência. Isto foi refutado pela ortodoxia luterana que apresentou a corrupção do gênero humano e a graça de Deus pelo ser humano, que é totalmente passivo em sua justificação.

Cap. 31 - O Pietismo

O pietismo entrou no território luterano no séc. XVII e contribuiu para o declínio ou transformação interna da tradição luterana ortodoxa., era uma nova posição teológica, que se baseava em novo conceito de realidade e que continha em sua essência, sementes da posição moderna. Tem como fonte o misticismo católico romano, aspectos da teologia reformada e o socialismo.

O mais notável teólogo e fundador do pietismo dentro do Luteranismo foi Spener (1635-1705). Apesar de sua adesão básica à tradição doutrinária luterana ortodoxa, ocorreram profundas alterações em pontos de doutrina. Sugeriu que a Bíblia fosse lida mais intensivamente. Recomendava a organização de sociedade para promover a piedade. Dizia que, a fé não é mero conhecimento e confiança, é ao mesmo tempo um poder vivo, do qual procede a verdadeira experiência da renovação. A justificação é fruto da regeneração. Expandiu o termo justificação para também incluir a nova criação.

O pietismo se concentrava com a problemática da salvação. Questões com o plano de salvação e conversão individual ou a conduta da vida. Questões da metafísica foram eliminadas. Fenômenos espirituais internos e experiências individuais tinham mais interesse. Esqueceram do princípio escriturístico.

A universidade de Halle, que tinha posição de pessoas com orientação pietista, como Francke que começou a lecionar ali em 1692, tornando-se líder do pietismo. O sentido literal da escritura foi abandonado. A bíblia tinha mais um sentido devocional. A nova conduta da vida, que é o fruto da fé, é caracterizada por rigoroso auto-exame e a supressão dos sentimentos naturais.

O período conservador foi seguido por uma tendência radical (pietismo radical) que se relaciona com os entusiastas do período bem como o socialismo. Uma religiosidade fanática, mística com a crítica racionalista da doutrina da igreja. Criticavam principalmente a doutrina da expiação. Deus para eles simplesmente ignora o pecado e recria o coração.

Zinzendorf, sua teologia da cruz é inteiramente subjetiva e de elevado teor emocional. Em virtude da contemplação do sofrimento de Cristo, nos libertam das punições e nos unem a aquele que foi enviado para ser o nosso salvador, e que também é Pai e Criador.

Hernhut por sua vez, pregava um arrependimento provocado pela pregação da lei. Apesar disto não aboliu a obra da expiação, só que sua ênfase recaia sobre a experiência emocional do sofrimento de Cristo.

Bengel e Magno Roos, autores de literatura devocional, foram líderes do pietismo que floresceu em Württemberg. Mantiveram uma relação íntima com a igreja e se ateve mais fielmente a herança ortodoxa do que a outros ramos do pietismo. Bengel escreveu mais no ramo do estudo e exegese bíblica.

O pietismo sofreu violenta oposição por parte dos teólogos ortodoxos. Foi criticado por sustentar toda espécie de heresia e por diluir a doutrina pura como resultado de seu indiferentismo. Valentino Löscher e Halle foram quem mais se opuseram ao pietismo.

Cap. 32 - O Iluminismo

Origens:

No século XVIII ocorreu profunda transformação científica e cultural, transformação essa que alterou completamente as condições nas quais se desenvolvia a atividade teológica. As raízes desta era e suas idéias encontram-se no humanismo da Renascença e no socinianismo, bem como no deísmo da Inglaterra do século XVII. No campo da teologia, o pietismo serviu para promover este desenvolvimento em alguns sentidos. O pensamento filosófico foi transformado a partir de suas raízes, tanto através dos grandes sistemas filosóficos como através da nova filosofia escolástica que substituiu o escolasticismo aristotélico nas universidades alemãs do século XVIII. O conceito metafísico de formas substanciais foi substituído por um conceito empírico e atomista da realidade.

Para a nova filosofia, o conhecimento de si próprio e a experiência interna eram considerados os fatores mais óbvios e fundamentais- imediatamente à mão, para o sujeito pensante e sensível. Nesta época o conceito de educação foi mudado. A filosofia não era mais considerada serva da teologia (*ancilla theologiae*). A educação passa a basear-se nas observações da experiência e em princípios racionais. Talvez mais profunda ainda, foi a transformação ocorrida no campo das ciências naturais. Os estudiosos começavam agora a aplicar o método mecânico matemático e se fundamentavam, mais do que em qualquer época anterior, na observação empírica. O iluminismo caracterizou-se por sua fé ingênua no homem e em suas potencialidades. A moralidade baseava-se na razão autônoma. Rompeu-se assim o elo entre revelação e lei natural.

Enquanto que a tradição luterana considerava a autoridade instituição divina, homens como Tomás Hobbes conceberam a idéia de estado secular, baseado na indulgência humana, destinado a promover a *salus pública*- o bem estar geral. Foi apenas na segunda metade do século XVIII que a neologia, ou teologia racionalista, começou a aparecer entre os protestantes alemães. A mais influente das novas idéias foi o conceito de religião natural. Herberto de Chebury apresentou a idéia que há uma religião natural, comum a todos os homens e independente de revelação, pela qual o homem pode tornar-se bem-aventurado mesmo sem conhecimento da revelação. Considerava Cristo um mestre sábio e sobretudo um exemplo de virtudes.

Tendências na teologia do Iluminismo: 1) A teologia tornou-se mais ou menos dependente da filosofia e do pensamento racionalista. A argumentação racional é colocada ao lado da revelação, atribuindo-lhe o mesmo valor. 2) Julgava-se que conseguir moralidade elevada era a principal finalidade do cristianismo, e o conteúdo ético a sua própria essência. 3) A religião tornou-se assunto individual, privado, sua certeza baseava-se nas experiências da própria pessoa. 4) Houve a tendência de “humanizar” o cristianismo. A felicidade terrena e a moralidade racional eram os principais benefícios que os homens esperavam da religião.

“Latitudinarismo”, seus representantes acreditavam que a revelação concordava plenamente com a razão e com os princípios religiosos discerníveis através dela. Para os latitudinários a prova decisiva para a fé se encontra na conduta correta da vida. Para eles, o aspecto moral era superior ao religioso.

João Toland disse que os elementos “misteriosos” da fé cristã deveriam ser repudiados (ele é um deísta). Em oposição aos deístas, Butler afirmou a necessidade da revelação; a religião natural de maneira alguma tornaria a revelação supérflua.

João Wesley, após a sua conversão o ponto central da sua pregação era a justificação pela fé. É característico do metodismo que o novo nascimento não é atribuído ao batismo mas à justificação, que se associa à conversão ou ao despertar consciente da fé. Wesley mantinha que as obras são a condição necessária para a justificação.

Teologia de Transição. Esta designação é usada para agrupar os teólogos alemães, da primeira parte do século XVIII, que combinaram uma atitude conservadora face à antiga tradição luterana com a posição filosófica da parte inicial do iluminismo e a teologia do pietismo. Para Buddeus o alvo da teologia era considerado como sendo a apresentação daquilo que o homem pecador deve saber para ser salvo. A revelação não pode conter qualquer coisa contrária religião natural; pode apenas suplementá-la. Cristiano Wolff procurou edificar um sistema de filosofia escolástica racional usando a matemática como modelo. Segundo ele, a educação deve basear-se em conceitos claros e específicos; nada deve ser apresentado sem prova.

A Neologia representa a transição a uma consciente crítica dos dogmas. Estes dogmas foram atacados com o emprego do método histórico. Talvez a modificação de maior alcance foi o emprego do ponto de vista histórico no estudo da Escritura. A bíblia foi inserida no esquema do desenvolvimento humano. O Antigo Testamento foi separado do Novo Testamento como algo pertencente a um nível inferior. O conteúdo da Bíblia foi exposto à crítica com base em normas modernas. A ênfase principal recaía no sentimento e na consciência moral. Pensava-se ser a doutrina do pecado original contrária a idéia do valor humano. Não houve queda em pecado. A partir deste momento é possível falar do “novo protestantismo” como força dominante em contraste com o “antigo protetantismo”. A principal contribuição de Semler foi sua aplicação do método histórico-crítico. Era seu desejo renovar a teologia e libertá-la das cadeias dos dogmas com base numa crítica sem preconceitos. Para ele a teologia era meramente o conhecimento de fatos que os professores de teologia discutem. A teologia, portanto, é consideração humana, histórica, mutável em seu conteúdo, dependendo do tempo, lugar e partido religioso. Em contraste com a teologia existe a religião, que significa a piedade viva que coincide com a consciência religiosa universal, mas que, ao mesmo tempo, se baseia na revelação cristã. Face à religião, a teologia tem função histórico-crítica.

Racionalismo. É mais apropriado, pois, reservar a designação “racionalismo” para o conceito que sustentava que a religião revelada inclui um religião baseada inteiramente na razão e que gradualmente se desenvolve até chegar a ela. O racionalismo não nega a revelação. Insiste, contudo, que a religião moralista da razão é a única religião necessária. O aspecto mais importante da experiência religiosa é a modificação no caráter por cujo intermédio o “mal radical” no homem é derrotado e bem é trazido à tona. Isto acontece através de punição e arrependimento. O racionalismo sofreu oposição decidida da parte do supernaturalismo, que se fundamentava na necessidade de revelação e da autoridade da Escritura. Faziam-se tentativas de provar a credibilidade da Escritura e de defender o conteúdo da revelação com base na argumentação racional.

Cap. 33 - Correntes teológicas do século XX

Uma das maiores contribuições de Schleiermacher à história da teologia foi a sua tentativa de descrever o caráter distintivo da religião como função da alma humana. Definiu a religião como “intuição do universo”. A religião era definida como “sentimento absoluto de dependência”. É este sentimento de dependência que caracteriza o homem como espírito. Para ele a tarefa da dogmática não é a de apresentar as exigências da fé, mas apenas de dar expressão histórica ao conceito de fé tal como se encontra na igreja, como um todo, ou dentro de certo ramo da igreja. A ética é a exposição especulativa da ciência racional que encontra seu paralelo na ciência natural. A descrição concreta das religiões da humanidade é fornecida na filosofia da religião. A teologia, a ciência necessária para guiar a igreja, se divide em filosófica, prática e histórica. Para ele, sentir que se é absolutamente dependente é o mesmo que se estar consciente de se encontrar numa relação com Deus. Nesta auto consciência imediata o ser de Deus coincide com o próprio ser do homem. Os conceitos de intervenção divina, milagres ou revelação, no verdadeiro sentido do termo, foram rejeitados. Também, nenhuma realidade ou influência pode ser atribuída ao diabo. Não se pode falar de queda ou dizer que o pecado originou-se numa ação voluntária. Presumia que o pecado estivesse no homem desde a sua origem. O pecado não é contrário à criação; faz parte dela. A salvação é uma transição a uma consciência superior de Deus. A pessoa de Cristo certamente significa em relação à humanidade anterior a sua época, mas ao mesmo tempo representa apenas o desenvolvimento mais elevado do que é humano. Ele não reconhecia a existência de qualquer história da salvação (gnosticismo). Ele recomendava uma alteração radical da doutrina da trindade. Deus é a única substância indivisível. O Filho e o Espírito Santo são simplesmente formas de revelação desta substância. A idéia da condenação eterna foi repudiada como sendo incoerente com os sentimentos cristãos. Apenas o Novo Testamento é normativo. A Bíblia é colocada no mesmo nível da tradição cristã. Revelação, neste contexto, tornou-se sinônimo de devota auto consciência, que indica a presença de Deus no homem. Como resultado dos esforços de Schleiermacher, a teologia começou a ser considerada uma ciência, situada no mesmo nível dos ramos seculares do conhecimento.

Segundo Hegel, a religião (como ávida da mente em geral) aparece sobretudo na forma dos pensamentos ou conceitos humanos. Sentir é forma inferior de consciência, enquanto que o raciocínio- que distingue o homem dos animais- é a forma mais elevada.

Ludwig Feuerbach dizia que Deus é apenas a soma de todas as qualidades humanas, e fé em Deus é o resultado das fantasias humanas.

Nas décadas de 1830 e 1840, novas ideologias eram propostas, a saber, o socialismo e o materialismo, que assumiram atitude completamente diversa face à religião. Ao mesmo tempo ocorria a industrialização e o liberalismo. Neste contexto surgiu a teologia restauracionista- isto é, a tendência de procurar atingir alvos teológicos retornando à tradição antiga, anterior ao racionalismo. No “neoluteranismo” o fundamento objetivo não foi encontrado na Palavra e na fé como no antigo protestantismo, mas na igreja, que era considerada a “instituição” através da qual os dons da salvação eram outorgados aos homens geração após geração. A igreja e os sacramentos eram considerados ordenanças institucionais, até certo ponto independentes da Palavra.

A tradição iniciada com Schleiermacher foi levada avante em particular pela tendência geralmente denominada “teologia mediadora”. Seu programa proposto era o de mediar entre fé bíblica e o moderno espírito científico. Também tentava mediar entre várias escolas de pensamento. Havia uma idéia básica sustentada por Tomasius, ele dizia que quando o logos se fez homem, despojou-se (kénosis) dos atributos divinos que indicam relação com o mundo (onipotência, onipresença, etc.). Quando foi glorificado, Cristo os retomou.

Adolfo Harless desenvolveu o princípio característico do método de Erlangen, que mantinha que o conteúdo da Escritura e a experiência pessoal de salvação do cristão correspondem-se mutuamente. Hofmann interpretava que toda a Escritura era a história da salvação uniforme, em que o AT aponta para Cristo, e o NT aponta para a consumação. Segundo ele, o que torna um homem cristão é fato acessível à teologia, a saber, a comunhão pessoal entre Deus e homem, mediada por Jesus Cristo. Em geral, a teologia de Hofmann marca a transição de uma teologia mais filosófica e especulativa a uma teologia mais inteiramente condicionada pela perspectiva histórica. A morte de Cristo, dizia ele, foi apenas a demonstração de uma obediência e amor que derrotam o pecado e a morte. Uma expiação no verdadeiro sentido estava fora de questão.

Para Kierkegaard, é o arrependimento- o reconhecimento da culpa- que distingue o estágio religioso do ético. Para ele o verdadeiro conhecimento pressupõe que o indivíduo se coloque em relação existencial com o seu objeto. Quando ele falava do “existencial”, pensava sobretudo na síntese entre o temporal e o eterno- “o interesse apaixonante infinito na própria salvação eterna pessoal”- que é o pressuposto da fé. O cristianismo só se concretiza na fé do indivíduo.

Ritschl localizava a essência da religião não no sentimento de dependência absoluta mas nas idéias específicas da comunhão religiosa, que se referem à modificação da vontade e à promoção da salvação ou bem-aventurança humana. Segundo ele, o cristianismo ocupa-se tanto com o alvo ético comum, o reino de Deus, como com a salvação do indivíduo. Salvação, que ele define como “justificação” ou “perdão dos pecados”, restaura a liberdade ética entravada pelo pecado. Cristo pode ser chamado Deus só em sentido figurado: sua divindade existe na unidade de sua vontade com Deus, na perfeita comunhão com Deus que manifestou em obediência ao chamado de Deus. O sofrimento e a morte de Cristo são somente a prova final e decisiva desta obediência. São importantes para a salvação apenas como exemplos da obediência pela qual Cristo pode conduzir outros à mesma relação que ele se encontra com Deus Pai. Referências ao sofrimento substitutivo ou propiciatório da punição eram rejeitadas. Segundo Ritschl Deus é amor, ponto final; ira, vingança ou juízo são alheios a sua natureza. Punição e disciplina só são empregadas para educar o homem. O elo de ligação entre o homem natural e a fé cristã tem natureza ética.

Na teologia inglesa S. T. Coleridge foi quem, mais do que qualquer outro, introduziu a crítica histórica da Bíblia na teologia inglesa. Recomendava que a Bíblia fosse estudada como outro livro qualquer. Charles Gore. É em parte devido a sua influência que a doutrina da encarnação passou a ocupar o lugar de maior destaque na teologia anglicana. Isto difere do ponto de vista evangélico, em que a expiação se encontra no centro. Característica de Gore era sua doutrina da Quênose: Cristo, dizia, despojara-se dos seus atributos divinos na encarnação, sujeitando-se à limitações humanas.

A igreja medieval, que fora tão severamente criticada no iluminismo, era agora, no século XIX, encarada com admiração e apreciação. A escola de Tübingen foi grande responsável por esta renovação. Esta escola interessava-se sobretudo na teologia histórica.

Na bula *Ineffabilis Deus* (1854), Pio IX proclamou o dogma da “imaculada concepção da virgem Maria”, isto é , o dogma que ensina que Maria, mediante privilégio especial, foi preservada da mácula do pecado original.

O metodismo (um movimento reavivamentista no século XIX) em sua doutrina da justificação foi influenciado preponderantemente pelo luteranismo. Como resultado definiu a justificação como perdão dos pecados e a imputação da justiça de Cristo.

Crescimento contínuo na santidade (ou santificação), concebido como prolongamento da regeneração (a mudança que é resultado da justificação), é um dos pontos mais freqüentemente enfatizados na teologia e pregação do reavivamentismo. O cristão é obrigado a viver de maneira condizente com a nova lei de Cristo, que é considerada não apenas como explicação e repetição da lei dada na criação, ou da lei universalmente válida incorporada nos Dez Mandamentos, mas como esfera ética superior que só pode ser atingida pelos fiéis. A santificação baseia-se na justificação pela fé, mas é também, por sua vez, o pressuposto para se alcançar a salvação, assim como também é a exigência prévia para se continuar membro na comunidade cristã.

Os batistas consideram o batismo apenas ato simbólico mediante o qual o cristão confessa sua fé e é recebido na congregação. A exigência de batismo de adultos resulta deste conceito. O significado atribuído ao batismo varia de um grupo para o outro, mas nem o batismo nem a ceia do Senhor são considerados meios da graça pelos quais se obtém o perdão dos pecados.

Cap. 34 - A teologia na parte inicial do século XX

Harnack dava maior ênfase ao cristianismo como fenômeno histórico. Ele resumiu a proclamação do evangelho de Jesus sob os três tópicos seguintes: A) O reino de Deus revelado como realidade presente no coração do homem; B) Deus como Pai, o valor absoluto do homem; C) A justiça superior proclamada por Jesus, isto é , a lei do amor.

Do ponto de vista da pesquisa a escola da história das religiões foi de grande importância; esclareceu o caráter único, sui-generis do cristianismo em muitos pontos. Foi precisamente contra esta perspectiva de estudo mais profundo da história das religiões que tornou-se especialmente significativo investigar e descrever o cristianismo em seu caráter histórico sem paralelo, sem adaptá-lo a pressupostos racionalistas modernos.

Barth. A dialética que encontrou na bíblia não é, como acontece com Lutero, o contraste entre a ira e a graça de Deus, entre o pecado do homem e justiça providenciada por Deus; é antes o contraste fundamental entre eternidade e tempo, entre Deus como Deus e o homem como homem. Isto acarretou na rejeição do humano, dando lugar para a revelação divina, para o totalmente outro. A palavra e as ações de Deus, portanto, nunca podem ser identificadas com palavras humanas ou

eventos históricos registrados na bíblia, mas devem ser consideradas puramente transcendentais. Para ele, a predestinação é ,pois, uma decisão eterna feita por Deus, significando que os homens- todos os homens- são admitidos à salvação, enquanto que o próprio Deus, na forma do filho, toma sobre si mesmo a condenação. Segundo ele o relato do Cristo do NT é uma referência a - ou uma imagem de- algo que teve lugar na esfera eterna como processo dentro da divindade. A sua concepção é doscética na medida em que sugere ser a mensagem do evangelho apenas ilustração de um evangelho intratrinitário, de natureza exclusivamente divina, e é nestoriana na medida em que a humanidade de Cristo nunca é identificada com sua divindade mas é concebida apenas como analogia dela.

De acordo com Tillich, aquilo que constitui a nossa “preocupação última” é o objeto da teologia. Nossa preocupação última é o que determina nosso “ser ou não ser”. Deus, que é o “Ser em Si”, é a resposta as questões últimas do homem.

Bultmann. Publicou o Neues Testament und Mythologie. Neste volume ele afirmava que a cosmovisão da NT, com o seu conceito de demônios e ações sobrenaturais, de milagres, de preexistência de Jesus, dos cataclismas dos últimos dias, etc., é incompatível com o conceito do homem moderno. Ele disse que esates elementos são mitológicos. O querigma, amensagem da morte de Cristo eseu triunfo sobre a morte, oferece a possibilidade de alterar a existência do homem; isto acontece na decisão da fé, que é a resposta do homem ao apelo do querigma. É através da palavra proclamada que o homem enfrenta a necessidade de tomar uma decisão, e é assim que experimente a transição de falta de fé a fé. A palavra se apresenta ao homem como sendo mensagem divina e não tanto como informação de fatos ou idéias religiosas. A morte e a ressurreição de Cristo só são significativas no sentido de simbolizarem a alteração da existência humana que é oferecida como possibilidade no querigma. Bultmann, diga-se de passagem, reconhece a crucificação como fato histórico, mas não a ressurreição.

Culmann demonstrou, entre outras coisas, que a descrição bíblica da passagem do tempo desde a criação até a consumação (a história da salvação) pressupõe o conceito linear de tempo (em contraste com o esquema cíclico dos agnósticos) e que esta concepção da história é básica para o NT.

Luiz Carlos da Silva Filho

Ministro do Evangelho*

Ministério Bíblico Palavra Viva

luizcarlos@mbpalavraviva.org



(0xx51) 9319-1695

* Ministro do Evangelho no Ministério Bíblico Palavra Viva, São Leopoldo/RS. Pós-Graduando Especialização Aconselhamento Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil. Membro Associado Conselheiro Bíblico pela ABCB - Associação Brasileira de Conselheiros Bíblicos. Membro Certificado Conselheiro Cristão Pastoral pela IACCP - International Association of Christian Counseling Professionals.